

PIONEIROS



Olga Andrade Abrahão

Trabalho para criação de Ceilândia é lembrado com carinho

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

“A verdadeira amizade, o otimismo, a cooperação, a vontade de vencer era a magia que envolvia a construção de Brasília e fazia todos continuarem em frente, sem medo de se arrepender.” Com esta frase, Olga Andrade Abrahão tenta explicar por que, apesar das inúmeras dificuldades vividas aqui, nunca pensou em desistir de participar da construção da nova capital. Integrante de uma família de pioneiros, hoje, aos 63 anos, diverte-se com as histórias vividas nos primeiros anos do Distrito Federal e orgulha-se ao ver o desenvolvimento da cidade que ajudou a nascer.

Com o pai, Waldemar Fernandes de Andrade, o tio João Fernandes Filho (falecido), que recebeu das mãos de JK a medalha de Candango Pioneiro, e a irmã Schyrley Fernandes de Andrade (falecida), Olga chegou aqui em outubro de 1956, quase quatro anos antes da inauguração de Brasília. Viu não só o início da construção do Distrito Federal, mas o nascimento da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) e seu comércio, que aos poucos surgia para atender aos primeiros candangos que aqui chegavam.

A Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) acabou de ser inaugurada, em setembro de 1956. Amigo próximo de Juscelino Kubitschek, o engenheiro

Israel Pinheiro presidiria o órgão. Para auxiliá-lo na empreitada, convidou João Fernandes, tio de Olga, para assumir a função de chefe da Divisão do Material da Novacap. Os dois trabalhavam juntos no Rio de Janeiro, na empresa Arco Artusi, responsável por grandes obras como o Estádio do Maracanã e a Via Dutra.

Ajuda a distância

Até 1960, Olga, a irmã e o pai trabalharam em um escritório que a Novacap montou em Anápolis (GO). O pai de Olga era responsável pelo recebimento do material encomendado para a construção da cidade e o envio para

Brasília. Anápolis era ponto estratégico por causa da rede ferroviária que dispunha. Tudo chegava pela estrada de ferro: madeira, ferro, cimento, asfalto, alcatrão, gêneros alimentícios e as estruturas metálicas importadas da Inglaterra, que foram utilizadas na construção dos Ministérios e outros prédios.

Em Anápolis, o pai de Olga havia contratado um guindaste e uma frota de caminhões para o carregamento e transporte do material que chegava de diversas origens. A estrada para Brasília não era pavimentada, dificultando e prolongando o trajeto que hoje é feito em duas horas para

até dois dias de viagem.

Trabalhando com o pai na empreitada, Olga viajava uma vez por semana para a Cidade Livre. “O único meio de chegar aqui era pegando carona com os caminhões de transporte dos materiais ou alguém que estivesse vindo para cá”, conta. “Lembro-me que meu pai, certa vez, teve a honra de pegar carona com Bernardo Sayão”, completa.

Em Brasília, a mineira costumava ficar hospedada em pensionatos. Lembrando-se do aspecto da cidade, compara o lugar com um faroeste de cinema norte-americano. “Poeira, tratores, materiais de construção,

ANTES DA MUDANÇA DEFINITIVA PARA BRASÍLIA, ERA NA CIDADE LIVRE QUE OLGA RESOLVIA OS PROBLEMAS DE ENTREGA DE MATERIAL PARA A CONSTRUÇÃO

construções de madeira e homens trabalhando era só o que se via naqueles tempos”, conta. Por causa da precariedade das condições de vida ali, tudo era muito caro. Um copo de água, por exemplo, nunca era dado, mas vendido por dez cruzeiros.

Elefante no cerrado

Numa dessas viagens, Olga ficou acomodada em uma casa na Velhacap (nome dado às primeiras barracas de lona e construções de madeira do acampamento da Novacap), no lugar onde apelidaram de as dez mais. Chamava-se assim porque ali estavam as dez melhores construções de madeiras, feitas para abrigar os chefes de departamento da Novacap.

De manhã, após lavar o rosto no tanque, instalado no meio do Cerrado, Olga olhou para o horizonte e avistou um elefante. Assustou-se com a visão. Passado o susto, foi informada pela dona da casa de que se tratava da Néli, uma elefanta presenteada a JK para ser o primeiro espécime do Jardim Zoológico.

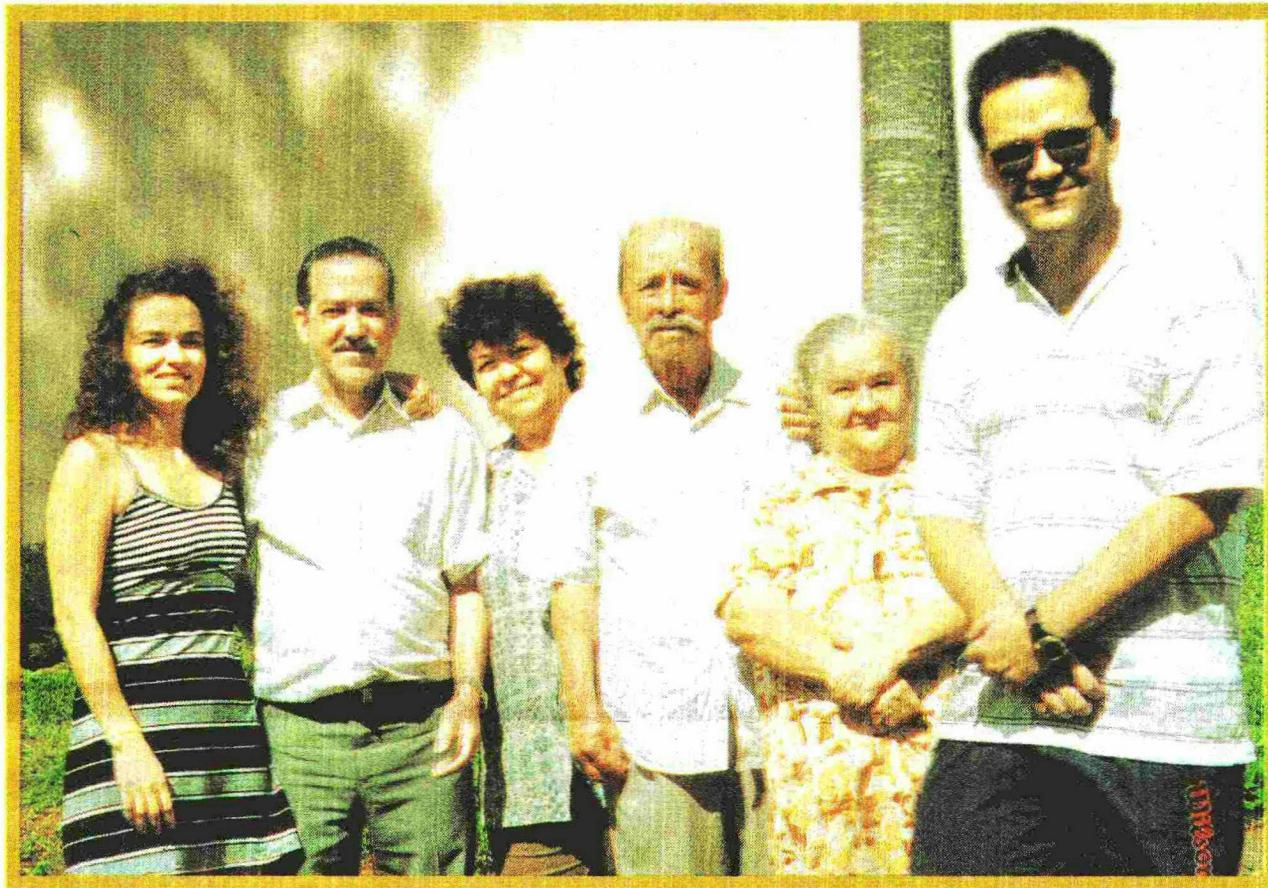
O episódio da Néli faz a mineira recordar-se de outro “causo”. Na época, falava-se que JK havia recebido uma visita do jornalista Assis Chateaubriand. No encontro, Chateaubriand localizou no projeto da nova capital o local onde seria montado o zoológico e terminou revelando ao presidente que possuía uma coleção de

e.32

PIONEIROS

Desde 1956, Olga trabalhava para a implantação da nova capital, em Anápolis, com o pai. Era responsável pelo recebimento e envio do material que chegava para a construção de Brasília

NA FOTO, OLGA ENTRE O MARIDO E O PAI (PIONEIRO COMO ELA), NA COMPANHIA DOS FILHOS E DA IRMÃ



“SAÍA DE CASA ÀS 5H30 E IA A PÉ PELO CERRADO ATÉ A 508 SUL, ONDE ESTAVA O ESCRITÓRIO. MINHAS MÃOS FICAVAM TÃO GELADAS DO FRIO DA RUA QUE ERA PRECISO ESFREGÁ-LAS VÁRIAS VEZES ANTES DE COMEÇAR A TRABALHAR”

colibris e beija-flores e que o presentearia com alguns pássaros.

Supersticioso, JK não queria que o primeiro habitante do zoológico fosse uma pequena ave. Assim, mandou providenciar com urgência a compra de um elefante. Na mesma época, um laboratório acabara de fazer propaganda pelo Brasil com a elefanta Néli para demonstrar a potência do inseticida Detefon. Sabendo do interesse do presidente, a empresa presenteou-o com o animal.

Olga mudou-se para Brasília antes do pai. Sozinha, veio para cá definitivamente em 1960, para trabalhar no Departamento Imobiliário (DI) da Novacap. Nos primeiros dias, foi alojada em um quarto da casa de um primo, na quadra 34 (hoje 712 Sul) do Plano Piloto. Poucos dias depois, mudou-se para o pensionato Nossa Senhora do Carmo, uma construção de madeira que ficava ali perto.

O ofício no DI não era fácil. Olga era uma das responsáveis por comercializar os lotes de Brasília que a Novacap tentava vender. O

preço dos terrenos não era caro, mas era preciso implorar para as pessoas comprarem, pois muita gente não acreditava na consolidação de Brasília. Os recibos eram preenchidos por funcionários como Olga numa máquina Remington até de madrugada. Era comum começar a trabalhar às 8h e só parar à 1h da manhã seguinte.

“Saía de casa às 5h30 e ia a pé pelo cerrado até a 508 Sul, onde estava o escritório”, lembra. “Minhas mãos ficavam tão geladas do frio da rua que era preciso esfregá-las várias vezes antes de começar a trabalhar”, completa.

Ceilândia

Em 1971, Olga foi convidada a trabalhar no gabinete do governador do Distrito Federal, Hélio Prates, como assistente da primeira-dama, Vera Prates, na Campanha de Erradicação de Invasões — CEI, que mais tarde tornou-se a Ceilândia. Olga considera este trabalho como o melhor já realizado em sua vida profissional.

“Brasília inteira foi chamada a participar do projeto e compare-

ceu, fazendo a cidade ser o que é hoje”, diz. A topografia dos lotes no local onde a cidade seria instalada foi feita por estudantes e professores da Universidade de Brasília (UnB). A Secretaria de Serviços Sociais, onde Olga trabalhava, ficou encarregada de cadastrar as famílias que seriam atendidas e distribuir os terrenos conforme o perfil de cada uma (número de pessoas, ocupação do responsável, tempo de moradia em Brasília e renda mensal).

Enquanto isso, caminhões percorriam o Plano Piloto em busca de doações para a campanha. Quando alguma empresa doava carros, por exemplo, a Secretaria rifava o bem e usava o dinheiro para a compra de materiais de construção. A mesma coisa era feita com as jóias e outros objetos doados.

As construções eram em sistema de mutirão e todos os moradores se ajudavam mutuamente. O comércio doava verduras, frutas e outros gêneros alimentícios, e as refeições eram feitas por dois presos do núcleo de custódia local,

que posteriormente foram libertados pelo belo trabalho executado junto às primeiras famílias habitantes da Ceilândia.

Cada família também recebia uma cesta básica, formada de acordo com o número de pessoas, e as mulheres passavam por uma triagem médica de prevenção de doenças e orientação de saúde básica. Os homens e mulheres desempregados eram encaminhados para cursos profissionalizantes, de marcenaria, construção, costura etc.

Os assistentes sociais que trabalhavam na campanha entregavam relatórios semanais das atividades realizadas à secretaria. Olga organizava tudo e redigia um relatório mensal para a primeira-dama. O trabalho durou dois anos e deu origem a uma das cidades mais desenvolvidas do DF.

Em 1965, Olga casou com o paulista Neil Dias Abrahão, outro pioneiro que trabalhava no gabinete do presidente da Novacap. O casamento foi realizado na capela do pensionato em que Olga morava.

Raio X

Nome:
Olga Andrade Abrahão
Idade:
63 anos
Origem:
Belo Horizonte, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília:
1956
Profissão:
Funcionária pública aposentada
Marido:
Neil Dias Abrahão
Filhos:
André Luiz Andrade Abrahão e Lilliam Andrade Abrahão.
Títulos:
É filha do pioneiro Waldemar Fernandes de Andrade e sobrinha do *Candango Pioneiro* João Fernandes Filho